

A influência da Escola de Ezequiel em Daniel 10

The influence of the School of Ezekiel in Daniel 10

Ágabo Borges

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) - Brasil

Resumo

A relação entre o livro de Daniel e o profetismo tem sido estudada por muito tempo. Inicialmente, Lücke considerou a literatura apocalíptica como um desenvolvimento tardio do espírito profético. No entanto, essa ideia foi posteriormente contestada por Von Rad, que sugeriu que o apocalipse teria origens nas tradições sapienciais. Apesar disso, Daniel faz referência a textos de Jeremias e Ezequiel, o que enfraquece a teoria de Von Rad. Este artigo tem por objetivo mostrar a influência da literatura profética sobre a literatura apocalíptica de Daniel, tanto do ponto de vista linguístico quanto da visão de mundo. Uma análise comparativa mostrará estas influências, pois há paralelos que revelam uma relação de dependência do livro de Daniel com o livro de Ezequiel. Neste artigo, destacamos um exemplo com Daniel 10 e alguns capítulos do texto do Profeta de Ezequiel.

Abstract

The relationship between the book of Daniel and prophetism has been studied for a long time. Initially, Lücke considered apocalyptic literature to be a late development of the prophetic spirit, but this idea was later challenged by Von Rad, who suggested that the apocalypse had origins in wisdom traditions. Despite this, Daniel makes reference to texts from Jeremiah and Ezekiel, which weakens Von Rad's theory. This article aims to show the influence of prophetic literature on Daniel's apocalyptic literature, from a linguistic and worldview point of view. A comparative analysis will show these influences, as there are parallels that reveal a dependent relationship between the book of Daniel and the book of Ezekiel. In this article we highlight an example with Daniel 10 and some chapters of the text of the Prophet of Ezekiel.

Palavras-chave

Apocalipse.
Livro de Daniel.
Livro de Ezequiel.
Literatura Apocalíptica.

Keywords

Revelation.
Book of Daniel.
Book of Ezekiel.
Apocalyptic Literature.

Introdução

A relação do livro de Daniel com o profetismo vem sendo observada há muito tempo pelos estudiosos. Em 1832, Lücke, que introduziu o conceito “apocalipse” na discussão do livro de Daniel, considerou esse tipo de literatura um desenvolvimento tardio “do espírito profético” (Koch, 1980, p. 159). Mais tarde, essa ideia foi rechaçada, buscando-se compreender a literatura apocalíptica a partir da literatura sapiencial. Von Rad entende que o apocalipse “parece ter suas origens principalmente nas tradições sapienciais”. Para ele, o apocalipse, incluindo Daniel, não se liga de nenhuma forma aos grandes nomes do profetismo, mas apenas aos “antepassados da sabedoria”, como Daniel, Henoque, Esdras e outros. (Von Rad, 1974, p. 296s). Devemos chamar a atenção para o fato de que Dn. 9,2 ressalta o conhecimento dos textos do profeta Jeremias, e percebemos que Dn 10 é diretamente influenciado pela literatura do profeta Ezequiel, enfraquecendo, assim, a compreensão de von Rad.

Com as descobertas em Qumram¹ e a comparação com outros livros apocalípticos não canônicos, ficou mais fácil identificar esse tipo de literatura por suas características próprias, que são basicamente: 1. Pseudônimo; 2. “esperança” escatológica e a contagem do tempo para o “fim”; 3. olhar pessimista para a história e um horizonte histórico e cósmico; 4. números simbólicos e linguagem oculta de caráter mitológico; 5. ensinamentos de mensageiros divinos e a inter-relação entre o “mundo divino” e o “mundo histórico, humano”. Obviamente, cada uma dessas características tem diversas implicações e variantes, e nem todas precisam ser encontradas em um mesmo texto, mas servem de direcionamento para a identidade do gênero “apocalíptico”.

A literatura apocalíptica é muito rica e está presente em um período chamado inter-testamentário. Hoje, essa literatura é vista como uma categoria específica, localizável historicamente. Contudo, é importante destacar as influências recebidas, no caso do livro de Daniel, de outras fontes, ajudando-

¹ Oito cópias do livro de Daniel foram encontradas em diferentes cavernas, enquanto de Jeremias e Ezequiel, por exemplo, apenas seis de cada. Há, contudo, ainda muitos outros fragmentos contendo partes do livro de Daniel, deixando claro sua importância para a comunidade (COLLINS & FLINT, 2001 p. 329-365 e p.547-585).

nos a compreender o desenvolvimento literário de um determinado texto.

Collins observa, em seu comentário do livro de Daniel, que a epifania em Dn 10 segue muito proximamente o livro do profeta Ezequiel, especialmente capítulo 1. Mas, mesmo fazendo as comparações, ele não estabelece nenhuma dependência de Dn 10 em relação ao livro de Ezequiel. (Collins, 1993, p. 372-376). Eshel, em seus estudos sobre os textos encontrados em Qumram, busca identificar possíveis fontes literárias do livro de Daniel. Ela destaca a “Oração de Nebonides”, “Atos do Rei Grego” ou “Pseudo-História” e o “Livro dos Gigantes”, mas não faz nenhuma menção ao livro de Ezequiel como possível fonte da literatura apocalíptica de Daniel (Collins, 1993, p. 387-394). Di Lella, em seu comentário, limita-se a afirmar que a figura “vestida de linho” em Dn 10,5 foi tomada emprestada de Ez 9,2.3.11, mas não faz mais nenhuma observação de uma possível dependência dos dois textos (Di Lella, 1978, p. 262-265). Montgomery, ao comentar Dn 10,6 diz: “A passagem é remanescente da teofania em Ez 1.” (Montgomery, 1927, p. 408). Contudo, ele não deixa claro se é uma referência apenas a Dn 10,6 ou a todo o capítulo, já que não aprofunda a questão e limita-se a fazer pequenas observações relativas à Dn 10,11 e 16. Assim, entendemos que ele se refere apenas a Da 10,6. Há, por certo, uma sensibilidade por parte de Montgomery à relação do texto de Ezequiel com Dn 10.

Podemos afirmar que há uma aproximação entre Ezequiel, especialmente os capítulos 1 a 3, e Daniel 10, que nos chama a atenção, como já foi observado pelos autores acima citados. Essa aproximação pode, contudo, ser compreendida como uma relação de dependência entre esses dois textos. Para o leitor do livro de Daniel, essa aproximação não deve ser estranha, pois o próprio texto menciona a compreensão da mensagem do profeta Jeremias:

“No ano primeiro do seu reinado eu, Daniel, entendi pelos livros que o número dos anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, que haviam de durar as desolações d Jerusalém, era de setenta anos.” Dn 9,2.

Mesmo citando nominalmente o profeta Jeremias (Jer 25,11-12 e 29,10), não sabemos exatamente quais livros foram lidos por Daniel, mas podemos destacar alguns elementos importantes nesta afirmação: 1. Trata-se de livros lidos, e não apenas um; 2. Esses livros possuíam autoridade religiosa, pois eles

interpretavam o que o Senhor falara; 3. O livro de Jeremias, por certo, estava entre “os livros”; 4. Há uma clara presença profética na interpretação de Daniel da história; 5. O profeta Ezequiel é contemporâneo do profeta Jeremias.

Esses destaques tornam-se mais significativos quando olhamos o livro de Daniel com maior cuidado, percebendo elementos de outras literaturas, especialmente da literatura profética, destacando a influência de outras tradições nos relatos apocalípticos. O capítulo 10 está entre as chamadas “visões apocalípticas”, distintas dos “contos de corte” em Dn 2-6.

Pretendemos analisar com atenção Dn 10 para mostrar que a influência do profetismo na literatura apocalíptica de Daniel não está restrita ao livro do profeta Jeremias, que encontra uma citação direta no livro, como mostramos acima. Também há influência da literatura de Ezequiel no livro de Daniel.

Os paralelos literários

Inicialmente gostaria de destacar alguns versos em Dn 10, onde se encontram claramente paralelos nos textos de Ezequiel, especialmente na chamada narrativa de vocação (Sousa, 2003).

Daniel 10	Ezequiel
עַל יַד הַנְּהַר (v.4)	עַל-נְהַר-כְּבָר (1,3)
אִישׁ-אֶחָד לְבוּשׁ בְּדִים (v.5)	וְאִישׁ-אֶחָד בְּתוֹכָם לְבַשׁ בְּדִים (9,2)
כְּעֵין נְחֹשֶׁת קָלֵל (v.6)	כְּעֵין נְחֹשֶׁת קָלֵל (1,7)
וְעֹמֵד עַל-עַמֻּדָךְ (v.11)	עֹמֵד עַל-הַגְּלִיף (2,1)
וְנִאֲלַמְתִּי (v.15)	וְנִאֲלַמְתָּ (3,26)
כְּדַמוֹת בְּנֵי אָדָם (v.16)	דְּמוֹת אָדָם (1,5) ²
אֶל-תִּירָא (v.19)	אֶל-תִּירָא (2,6)

² Montgomery (1927, p. 414) observa, com propriedade, que a expressão “semelhança” (דְּמוֹת) aparece frequentemente nas visões de Ezequiel. Veja: Ez 1,5.26.28; 8,2; 10,1.10;23,15.

Estes paralelos mostram que o uso de termos e expressões, importadas do livro de Ezequiel não é algo sem significado. São expressões centrais na composição do texto, estabelecendo, quase que por completo, a estrutura do texto.

O primeiro paralelo estabelece o local onde acontece a visão. Enquanto Daniel menciona estar ao lado de um grande rio, Ezequiel identifica o rio. Ambos utilizam basicamente a mesma estrutura na expressão: preposição - rio - identificação do rio. Em Daniel, entre a preposição e “rio”, há uma palavra que especifica melhor a localização, considerando que ele não menciona o nome do rio, como Ezequiel faz, mas o identifica como um “grande rio”.

Na segunda expressão, ambos destacam a visão de “um homem” vestido de linho. A diferença no uso da expressão está no fato de Ezequiel destacar que este homem é um dentre os outros já mencionados anteriormente em seu texto.

A terceira expressão chama a atenção por ser de difícil tradução (“brilho como olhos de bronze”) e pouco comum, contudo, carrega o mesmo sentido em ambos os textos.

A expressão “levanta sobre teus pés” em Daniel apresenta a adição de uma conjunção que apenas interliga a expressão no contexto. Podemos afirmar que se trata da mesma expressão em ambos os textos.

Daniel (10,15) diz: “eu emudeci”, enquanto Ezequiel (3,26) coloca a fala na boca de Javeh como imperativo: “emudecerás”. Trata-se, porém, da mesma raiz, em contextos bastante próximos.

A expressão “como a semelhança de um filho de homem” é muito próxima da usada por Ezequiel, como observou com propriedade Montgomery. A diferença consiste no uso da partícula *ki* em Daniel. Contudo, essa expressão é uma das características da literatura de Ezequiel.

O “não temas” de Javeh é muito comum entre os profetas, especialmente Isaias e Jeremias. Trata-se, portanto, de uma expressão dentro da tradição profética como um todo, mas dentro do contexto de Ezequiel, ela encontra um significado especial.

Paralelo de ideias

Esta aproximação de Daniel 10 e Ezequiel não se limita à identidade de algumas expressões. Há várias ideias que transcendem as expressões mencionadas anteriormente, ressaltando a proximidade entre os textos:

Uma localização existencial Jejum - Cativos em Quebar, além de ambos estarem à beira de um rio.

Visão espetacular com a presença de fogo (Dn 6 - Ez 1,4).

A identificação da imagem vista com a figura humana (Dn 5 - Ez 1,10).

A comparação do som emitido na visão e uma voz falando (Dn 6 - Ez 1,24-5.28).

Desfalece diante da visão (Dn 8-9 - Ez 1,28; 3,23).

Ergue-se sob comando (Dn 11 - Ez 2,1; 3,22).

Recebe ajuda para se levantar (Dn 10 - Ez 2,2; 3,24).

Palavras de consolo - não temas (Dn 12 - Ez 2,6).

Há o toque no lábio a presença da boca, relacionada a palavra, o Daniel e Ezequiel abrem a boca (Dn 16 - Ez 2,8-9; 3,2).

Sufrimento pessoal do visionário, Daniel expressa com o desfigurar do rosto, Ezequiel com a amargura de Espírito (Dn 8 - Ez 3,14).

O visionário emudece e reabre com o toque de uma mão (Dn 15 - Ez 3,26-27; 33,22).

Construção da Narrativa da Visão

A construção do texto de Dn 10 conduz o leitor do ponto de partida de Daniel, com uma localização “cronológica”, geográfica e existencial. Este condicionamento existencial serve de moldura para o texto, que começa com uma situação de pranto (v.2) e seus elementos (v.3), levando a experiência e o diálogo que culminam em uma condição ainda pior, pois não “restam força, nem fôlego” (v.17). Mas, esta condição é superada, pois ele é fortalecido pela palavra (v.19) para dar conhecimento à batalha que continua na história envolvendo os Persas e os Gregos.

Datação - Dn 10,1.

Se pensarmos em uma datação direta dentro do livro de Daniel, perceberemos que não é muito fácil o ajuste (Sousa, 2018, p. 62-75). Como se trata de uma coletânea de textos, desenvolvidos individualmente em alguns casos, percebemos que cada texto tem uma datação que se relaciona ao conteúdo específico daquele conto de corte, visão ou narrativa contida no composto do Livro.

Isto fica claro na datação de Dn 10, pois, em Dn 1, o texto é fechado com a limitação da atividade de Daniel até o primeiro ano de Ciro:

“Assim Daniel continuou até o primeiro ano do rei Ciro”. Dn 1,21.

O que é traduzido aqui por “continuou” é a expressão נִהְיֶה “e foi”. Essa expressão pode se referir à função de Daniel no reino, descrita em Dn 1,20, o que resolveria o conflito de datas de com Dn 10,1, que localiza esta visão no “terceiro ano do rei da Persia”³ Contudo, parece-me mais coerente pensar que estes textos foram sedimentados na vivência do movimento apocalíptico do II Sec, a.C., em espaços e momentos distintos, preservando, assim, sua datação e experiência específica.

Esta datação é acompanhada por um resumo do acontecimento, que é a “palavra revelada” (דְּבַר נִגְלָה). Para o leitor da literatura profética, esta compreensão é bastante familiar, pois palavra no movimento profético é “acontecimento”; ela acontece, o profeta a vê ou a experiencia, dificilmente ouve. Aqui, a palavra é revelação, pois essa é a natureza do movimento apocalíptico.⁴ A palavra e a visão são compreensíveis para aquele a quem são reveladas, no caso, Daniel.

Localização específica (geográfica e existencial) - Dn 10,2-4.

O texto oferece uma localização específica, que chama a atenção do leitor, pois não é mais uma datação histórico política, mas religiosa:

³ A LXX tenta resolver este conflito “corrigindo” de terceiro para primeiro, conforme o Dan 1,21. Dan 10,1 na LXX fica ἐν τῷ ἐνιαυτῷ τῷ πρώτῳ Κύρου. O título “rei da Persia” parece ter sido importado de II Cro 36,22, que, inclusive, cita o profeta Jeremias.

⁴ A própria palavra apocalipse, no grego quer dizer “revelação”.

“No dia vinte e quatro do primeiro mês, estava eu à borda do grande rio, o Tigre.” Dn 10,4

Este modelo de datação com localização é familiar nos textos de Ezequiel 1,1 e 8,1. Lembramos que o primeiro mês é Nissan, mês da Páscoa, o que situa o jejum de Daniel no contexto da religiosidade pascal. Contudo, na literatura apocalíptica, o jejum, acompanhado de outras abstinências, é frequentemente utilizado como elemento de preparação para uma visão apocalíptica (Collins, 1993, p. 372).

Considero especial a “localização existencial” de Daniel. Ele diz:

“Naqueles dias eu, Daniel. Estava pranteando por três semanas inteiras” (Dn 10,2). Há um envolvimento direto do personagem com todo o acontecimento que precede a visão e o que há de ser no futuro. Fica claro que o personagem está inteiro, em sua completude humana na experiência apocalíptica. Os acontecimentos são externos e internos, ou seja, históricos e existenciais.

Visão com a Apresentação do Interlocutor - Dn 10,5-6.

A visão é introduzida por uma fórmula que a indica claramente - “levantei os meus olhos e olhei (vi)”.

Chama a atenção ao fato de que o que é visto é um homem (ser humano do sexo masculino - אִישׁ אֲנִי). Portanto, há tenho dificuldade de pensar em um ser celeste, como às vezes pode deixar subentendido. Penso nem ser prudente usar a expressão “anjo”, pois nos remete a uma tradição de compreensão que não representa a ideia de “mensageiro”. Mesmo a descrição do corpo (גִּוְיָהּ) desse “homem”, não sendo comum, não é apresentado como um ser celeste.⁵

Descrição da Visão - Dn 10,7-15

Com uma nova fórmula de visão, o texto prossegue com o descritivo da visão, que é relativamente complexa, pois envolve um sentimento para além do “ver” ou “ouvir”. O texto diz: “os homens que estavam comigo não a viram; não obstante, caiu sobre eles um grande temor e fugiram para se esconder” (Dn

⁵ Esse descritivo nos lembra Ap. 1,14 e 19,12; além de Ez. 1,7, obviamente.

1,7). Houve um experienciar para além do ver e ouvir, criando uma realidade de existência marcada pelo temor, levando-os a uma ação efetiva: esconder-se.

A descrição da visão foca intensamente nas reações do personagem principal, Daniel, descrevendo-o no processo; mostrando suas reações e como a visão e audição invadem o seu ser, gerando uma realidade de existência que, desfigura sua feição, caindo em profundo sono de rosto em terra, ou desmaiando. Há, então, mais um elemento importante nesta visão apocalíptica: a experiência do toque (uma mão o toca - Dn 10,10). A mesma designação usada para identificar o interlocutor é usada para identificar Daniel (*איש*). Há um diálogo de seres da mesma natureza e a função do diálogo, da visão e da experiência é o entendimento do que há de acontecer “atrás dos dias”, depois dos dias, no futuro (Dn 10,14).

Encorajamento do Visionário - Dn 10,16-19

Dn 10,16 começa com a expressão “eis que” (*והנה*), comum nas narrativas do Antigo Testamento, sugerindo a continuidade de uma narração, porém introduzindo um novo ato ou esclarecendo o que foi citado anteriormente. Portanto, fazer uma censura neste ponto, separando o v. 15 do 16, deve levar em consideração que este novo ato não é desconectado da narração anterior. Contudo, Dn 10,16-19 coloca o foco na condição do protagonista da narrativa, que é Daniel, tratando de encorajá-lo para ter condições de lidar com a realidade revelada.

Chama a atenção que se repete a experiência do toque (Dn 10,10), mas agora com uma figura não humana, cuja descrição não é feita.

“Então tornou a tocar-me um que tinha a semelhança de um filho de homem (*כְּדָמוֹת בְּנֵי אָדָם*) e me consolou.” (Dn 10,16).

Aqui, não se trata mais de um homem (*איש*), como vimos anteriormente, mas uma figura parecida, semelhante a um ser humano, portanto, não era um ser humano. O foco do desta parte do texto é a condição de Daniel, e mais uma vez temos uma descrição existencial: ele é fortalecido, vencendo seus temores, ficando em paz e com novo ânimo.

Comunicação Final - Dn 10,20-21. Diálogo

A conclusão da narrativa da Visão é introduzida pela expressão **וַיֹּאמֶר**. Isso deixa subentendido que quem fala é o mesmo que toca Daniel, esta figura semelhante a um ser humano. Porém, é possível considerar que quem fala seja o “homem” mencionado no v. 5, se considerarmos a sequência desta expressão nos versos 11, 12, 19 e 20 e o fato dele ter a palavra (**דָּבַר**). Aqui parece misturar realidades históricas e supra-históricas em uma harmonia que não parece incomodar o escritor, pois não há esclarecimentos. A batalhas envolvem o capitão da Pérsia e da Grécia, situando-se plenamente no terreno histórico, mas estão registradas “nas escrituras da verdade”.

O livro da verdade aqui deve ser distinto do livro do julgamento em Dan 7,10. Este livro evidentemente contém o curso da história e, por certo, deve ser comparado com as tabuas celestes para Enoque (1 En. 93,2; Enoque é também o que falou ‘dos livros’) (Collins, 1993, p. 376).

Há um escrito que revela a história. Se podemos falar a partir disto de uma determinação prévia da história como sendo uma ação de uma divindade, não podemos dizer com base exclusiva neste texto. A questão aqui é a compreensão da história ou sua revelação. Esta história pode ter vários fatores, inclusive a participação de seres extra-humanos, mas é representada como uma construção que envolve muita luta, incluindo a participação do visionário como um todo, em sua integridade de existência.

Considerações finais

Uma leitura das visões de Daniel, especialmente a do capítulo 10, deve-se considerar a tradição profética, mesmo quando interpretadas como apocalípticas. Uma das implicações desta leitura é a luta histórica pela justiça, como destacam os profetas, especialmente Ezequiel e Jeremias, chamando a atenção a um compromisso com Deus em sua vivência histórica.

Especialmente, o conhecimento revelador do movimento apocalíptico está relacionado a elementos históricos concretos, cronológica e geograficamente localizados. Trata-se, contudo, de um diálogo entre uma

realidade que envolve o mais profundo da existência humana e o supra-histórico, como partes integrantes da realidade histórica. Mesmo aquilo que não pode ser sensorialmente acessado pode ser existencialmente percebido e transformado em ação histórica. Como destaca o ocorrido com os acompanhantes do visionário, que não veem, mas sentem e se escondem com medo. Estes elementos encontram paralelos em narrativas como as de Gideão, e Ezequiel também traz este envolvimento do supra-histórico e histórico em uma só realidade harmônica. O mesmo ocorre na “visão do trono” no livro do profeta Isaias (cap.6).

Considerando os paralelos literários observados acima entres Daniel e Ezequiel, bem como os paralelos de ideias; considerando ainda elementos de construção da visão de Daniel, que utiliza elementos literários e ideias podemos afirmar que há uma dependência literária direta entre Daniel e Ezequiel. Dessa forma, o movimento apocalítico de Daniel se serviu diretamente dos textos proféticos, não apenas de Jeremias, como citado no corpo do texto. Fica evidente que Dn 10 traz a influência literária do livro de Ezequiel.

Referências

COLLINS, JOHN J. AND FLINT, PETER W., *The Book of Daniel: Composition and Reception*. Vol. II (Supplements to Vetus Testamentum LXXXIII,1). Boston, Köln: Brill. Leiden, 2001.

COLLINS, JOHN J., *Daniel: Commentary on the Book of Daniel*. Mineapolis: Fortress Press 1993.

DI LELLA, ALEXANDER A., *The Book of Daniel* (The Anchor Bible vol. 23). New York: Doubleday & Company, Inc., 1978.

KOCH, K. *Das Buch Daniel* (Erträge der Forschung 144), Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft., 1980.

MONTEGOMERY, JAMES A., *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel* (The International Critical Commentary). Edinburgh: T & T Clark. 1927.

SOUSA, A.B. *Vocação e Espiritualidade o Antigo Testamento: Compreendendo a Espiritualidade a partir das narrativas de vocação*. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.t

SOUSA, A.B. *O Livro de Daniel: Um Texto Apocalíptico do Antigo Testamento*. *Caminhos*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 62-75, jul/dez 2018. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/issue/view/314>. [Artigo em PDF]. Acesso em 14.01.2024.

VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento 2*, São Paulo: ASTE 1974.

Trabalho submetido em 14/03/2024.

Aceito em 16/08/2024.

Ágabo Borges

Doutor em Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel (1992), Mestre em Teologia pela-Universität Hamburg (1988) e Pós-doutorado em Ciências da Religião pela UMEESP (2013). Atualmente é professor titular a da Universidade Estadual de Feira de Santana. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4643-9399>. Email: dr_agabo@uefs.br